

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU HISTÓRIA DA ÁFRICA

João Victor de Oliveira

NYOGOLON, NOS CONHECENDO PELO TEATRO: DA ÁFRICA À MEMÓRIA LOCAL.

Juiz de Fora – MG

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

OLIVEIRA, João Victor de.
NYOGOLON,NOS CONHECENDO PELO TEATRO : DA ÁFRICA
À MEMÓRIA LOCAL / João Victor de OLIVEIRA. – 2017.
60 f.

Orientador: Victor Martins de SOUZA
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. África. 2. Memória local. 3. Oralidade. 4. Performance. I.
SOUZA, Victor Martins de, orient. II. Título.

JOÃO VICTOR DE OLIVEIRA

NYOGOLON, NOS CONHECENDO PELO TEATRO: DA ÁFRICA À MEMÓRIA LOCAL.

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Curso de Especialização em História da África do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Me. em História Social pela PUC –SP Victor Martins de Souza

Juiz de Fora - MG

2017

Dedico a Meury Benigna, Suzana Lamha e todas as crianças da E.M. “Dr. Matheus Monteiro da Silva”, por serem a alma deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares pelo incentivo constante. aos amigos que alimentam minhas ideias, em especial à Dornie Matias pelo “caminho” apresentado e Juliana Ananias, que foi ponte a esse maravilhoso curso de pós graduação e inspirou uma das personagens do musical que escrevi como material didático. A todos os funcionários da Escola Municipal “Dr. Matheus Monteiro da Silva” pelo debate e construção de projetos que coloquem em prática a lei 10.639/03. Enfim, imensa é a gratidão aos alunos que na troca de ensinamentos deram vida ao que estava preso em forma de caracteres num papel; eles são os melhores do mundo.

“A filosofia deste teatro é uma forma de terapia comum por meio da qual a sociedade reata os fios dos relacionamentos que foram quebrados ao longo dos anos, que são do conhecimento de todos os membros da comunidade. Igualmente, a teoria desta celebração teatral é um ritual que permite entrar num estado de consciência que nos põe em contato espiritual com conceitos imortais, tais como comunidade, nação, democracia, coletividade, história, metafísica, e com uma cosmovisão de aprendizagem comunitária. Mesmo as crianças que se iniciam nestas práticas, ainda no ventre de suas mães, ajudam a compreender que tal participação renova nossa força para enfrentar o mundo, despertando no indivíduo a compreensão de que ele ou ela não estão sós no planeta, mas inclusos na multidão. Toda a comunidade é impulsionada pelos mecanismos coletivos da celebração, realizando uma filosofia de vida totalmente oposta ao “penso, logo existo!” cartesiano. A prática da comunidade africana pauta-se num conceito antitético embora transcendente, “Somos, portanto eu sou!” (IROBI, Esiaba. 2012)

RESUMO

Criar pontes pra ligar memórias. Com tantos desafios para colocar em prática a lei 10.639/03, o presente trabalho é uma alternativa buscando através do teatro juntamente com a dança e música, despertar nos alunos a vontade em descobrir histórias afrodescendentes no local onde vivem e consequentemente levando-os a ir cada vez mais fundo nessa viagem, até ao continente Africano. Entender as origens, perceber as riquezas do continente através de um personagem que é fonte de conhecimentos e histórias chamado Griot, o qual através da oralidade, performance corporal e canções, reaviva a memória tornando evidente o que era latente.

Palavras-chave: África – Memória Local - Oralidade - Performance -

ABSTRACT

Create bridges to connect memories. With so many challenges to put into practice law 10.639 / 03, the present work is an alternative looking through the theater along with dance and music, awaken in the students the desire to discover Afro-descendant stories in the place where they live and consequently leading them to go Ever deeper into this journey, to the African continent. Understanding the origins, perceiving the riches of the continent through a character who is a source of knowledge and stories called Griot, which through orality, body performance and songs, revives the memory making evident what was latent.

Keywords: Africa - Local Memory - Orality - Performance -.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
OBJETIVOS	3
CONCLUSÃO	10
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	12
MUSICAL COR	15
PORTIFÓLIO	34

INTRODUÇÃO:

Lei, palavra oriunda do verbo latino *ligar*, que significa aquilo que liga ou *legere* aquilo que se lê designando um conjunto de normas jurídicas criadas através de processos próprios pelo ato normativo e estabelecidas pelas autoridades competentes para efeito. Pela etimologia latina da palavra lei e fazendo conexão em especial à de número 10.639/03 que tem como objetivo o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira no ensino brasileiro, *ligando* nossa herança ao continente africano, revelando aos alunos uma enorme riqueza encoberta de preconceitos e estigmas sociais em uma sociedade voltada a enaltecer saberes e culturas europeias.

No Brasil a lei 10.639 resulta de um processo onde um conjunto de iniciativas de grupos e pessoas, que perpassam pelo século XX como a Frente Negra Brasileira, que nos anos de 1930 destacou-se pelo compromisso na luta por uma educação que contemplasse a História da África e dos povos negros e combatesse práticas discriminatórias sofridas pelas crianças no ambiente escolar. Abdias do Nascimento na década de 40 com o Teatro Experimental do Negro (TEN) foi além do encenar e discutiu formação global das pessoas negras a cerca de política públicas afirmativas no Brasil. O Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978, defendeu a inserção da história da África e do negro no Brasil no currículo escolar do país. A Marcha Zumbi contra o racismo pela Cidadania e a Vida em 1995 foi um grande momento apresentando propostas reivindicando políticas públicas para a população negra, incluindo nesse contexto políticas educacionais, sugeridas ao governo federal.

Analisando não apenas esses momentos destacados, mas outros que constituem uma grande demanda pelo ensino da história da África e afrodescendente no ensino brasileiro, que resultou na alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96 tornando obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, propondo no cotidiano princípios de promoção da igualdade racial.

Mesmo após 13 anos da lei 10.639, observo nas escolas em que tenho contato que sua existência não garante que ela seja aplicada nos ambientes escolares de forma eficaz, resumindo-se muitas das vezes na comemoração no dia da consciência negra em 20 de novembro. A ineficácia de sua implementação pode se dar por vários motivos, desde a falta de conhecimento até ao preconceito. Parece ser meio controverso uma lei gerada com uma das finalidades em combater o preconceito, virar uma espécie de argumento que fomente pensamentos rasos de alguns profissionais “educadores”, que reverberam o mito da democracia racial de Gilberto Freyre.

A formação dos profissionais de educação a respeito de temas, assuntos ligados à lei se faz necessária, uma vez que são eles os atores diretos em transmitir um conhecimento mais elaborado aos alunos que são bombardeados de informações a todo instante. Desde minha vida como aluno do ensino infantil, fundamental, médio e superior pude presenciar raros debates e aprendizados no que se diz respeito à história ou cultura africana ou afrodescendente até o início da pós África, meu conhecimento advinha de amigos que faziam parte de movimentos negros e através de pesquisas por curiosidade pessoal. A maior inquietação veio no ano de 2011, na marcha cívica no 07 de setembro que também é a data da emancipação do município de Bicas, cidade em que resido, onde uma determinada instituição de ensino desfilou segurando uma enorme faixa exaltando as famílias Portuguesas, Italianas, Espanholas, Libanesas que se instalaram no município e promoveram o desenvolvimento. O incômodo foi grande, pois excluía totalmente as famílias de descendentes Africanos que ao Brasil vieram forçados e também tiveram um papel fundamental na história. Ao olhar a faixa, perceber que em meio àquela instituição haviam professores, alunos negros, me fez pensar no quanto cada um nega ou desconhece suas raízes, mais tarde a preocupação com essa indagação gerou a ideia para a realização do material didático proposto como trabalho de conclusão da pós graduação, que darei destaque mais à frente.

OBJETIVOS:

Como professor da Oficina Curricular de Teatro na Escola Municipal “Dr. Matheus Monteiro da Silva” a preocupação em como estar aplicando a lei nas aulas partiu de questionamentos feitos por meu amigo Dornie Matias, pertencente ao movimento negro da cidade, atualmente residente em Macaé – RJ. Através dele tive acesso a materiais e sites que me deram certo embasamento, no entanto a carência de uma formação e entendimento mais profundo me causava desconforto. Mesmo assim realizei ações que colocassem a África ou afro descendência em evidência. Lembro que uma das primeiras atitudes foi a realização de uma cena curta da obra “O Pequeno Príncipe” (SAINT-EXUPÉRY, Antoine de), onde o personagem principal da história descrito no livro como de cabelos loiros e pele clara, foi encenado por um menino preto. Quando os professores ficaram sabendo da escolha da criança as críticas foram inevitáveis, todas relacionadas à cor de pele e cabelo que não caracterizava com fidelidade aos traços do personagem do livro. No entanto a busca pelo estereótipo não foi o que realmente me importou naquele momento, mas em me situar em uma escola onde a grande maioria dos alunos são negros e carecem de representatividade. O simples fato de pequeno João ter interpretado um personagem que não possuía as mesmas características físicas que ele, gerou em outros alunos a vontade de também serem qualquer personagem, independente se já tivesse sido retratado nas histórias de livros ou filmes com traços diferentes aos que eles possuíam. A partir desse momento outras encenações foram realizadas não apenas colocando as crianças negras em papéis principais, mas que relacionasse de forma enfática com histórias Africanas ou Afrodescendentes, surgindo de várias experiências o contato com o livro “Pretinho Meu Boneco Querido” (FURTADO, Maria Cristina), que serviu como fonte inspiratória para o eixo da produção do material didático a que me proponho.

A história do livro gira em torno de um boneco preto que vive no quarto de uma garotinha (também preta) e sofre preconceito e bullying por outros bonecos brancos. No decorrer do enredo, a garotinha percebe o que ocorre com os brinquedos e apresenta ao bonequinho outros bonecos e bonecas como ele, revelando tradições, histórias africanas e afrodescendentes. Ao ler o livro tive a

ideia em fazer uma adaptação que aconteceu no ano de 2013, readaptando e inscrevendo essa encenação no concurso “Curta Histórias” do MEC. No entanto a bagagem que me foi acrescentada durante os estudos na pós Afrikas, me fez retomar o texto, reestruturá-lo de forma mais rica, lúdica e adicionar um personagem que faz toda a diferença, o Griot que segundo Carlos Vaz é um (1998, p. 80)

Especialista do verbo – narrador, animador público, trovador, ator e dramaturgo (...) Trata-se de um ator com recursos infinitos, conhecedor de um grande sentido estético e retórico, catalisador e criador da ação dramática – dramaturgista por excelência e simultaneamente encenador das suas próprias obras¹

Além do Griot, houve uma preocupação em inserir elementos no espetáculo e que as crianças tivessem interesse, o ponto chave para isso olhar ao redor e ver que a maioria eram negros e lembrá-los de seus antepassados e nesse momento a faixa da marcha cívica que comentei anteriormente voltou a se tornar inquietante em minha memória. Uma cidade que vangloria os antepassados europeus e exclui os africanos valoriza qual tipo de memória?

Primeiro fiz uma viagem com os alunos via Google earth até o continente Africano, mostrando a diversidade de países, percebendo a admiração em descobrirem que o Egito pertence ao continente, devido ao fato de uma emissora de TV estar transmitindo uma telenovela retratando os faraós e egípcios com pele branca. Também aproveitei o momento e realizei um jogo com eles mostrando imagens que já havia separado em uma pasta no computador, pedindo que levantassem o braço quando fosse projetada uma imagem que eles achassem que seria da África e deixassem o braço em repouso caso fosse o oposto. Propositalmente na pasta só haviam imagens, fotos do continente Africano, com desertos, cataratas, florestas, pequenas e grandes cidades, praias, pessoas indo trabalhar, trânsito, aldeias, escolas, estádios, animais, etc; essa dinâmica gerou discussões riquíssimas e quebra de preconceitos. Posteriormente em outra aula foi mostrado quando, como e porque os africanos em grande escala vieram para o Brasil e alguns exemplos que lutaram por liberdade e/ou tinham grande reconhecimento na sociedade, por serem artistas, políticos, atletas, estudiosos entre outros. Foi sugerido que na aula de informática pesquisassem por mais

1 VAZ, Carlos et al. *O Teatro dos Sete Povos Lusófonos*; Teatro na Guiné Bissau. In: SEMINÁRIOS (p. 80). São Paulo: Navegar é Preciso. 1998.

personalidades negras, por fim perguntei a eles qual história relacionada aos negros africanos eles sabiam que existia em nossa cidade. Primeiramente pela surpresa da pergunta ficaram pensativos, mas a resposta que eu precisava apareceu por meio de um aluno, relatando a história da Água Santa. Segundo o conhecimento que foi passado de geração a geração através da oralidade, a história data de 1860, Bicas era conhecida como Arraial das Taboas. Havia grandes fazendas de café e a mão de obra era de escravos africanos. Era costume levar todo escravo enfermo para longe das senzalas e assim não contaminasse os demais. Um grupo de escravos com feridas pelo corpo com aspecto maligno foi levado para o alto da serra, onde havia água em abundância e inhame rosa como alimento. Passado o tempo, eles voltaram para a fazenda inteiramente curados, ficando conhecido que a cura destes escravos foi pela água, então reconhecida como Água Santa. As peregrinações de fé passaram de geração a geração até os dias de hoje. Com a influência da Igreja Católica e das famílias italianas, um ícone de Nossa Senhora das Graças foi adicionado ao local tornando-o também referência de romarias.

Essa descoberta e estudo pelo continente durou quatro aulas, onde em uma delas foram apresentadas as músicas, algumas em idiomas africanos (com tradução), que estariam no musical e consegui fazer três pontuações importantes referente ao espetáculo. África, Brasil, Bicas, mostrando a conexão entre eles, o que os ligam, a história, a ancestralidade e no caso a memória local foi o gancho para despertar ainda mais o interesse dos alunos. Eles pesquisaram sobre a história, foram ao lugar, colocamos eles em contato direto com a atual mantenedora do local, Angélica de Rezende Santos, tudo com o intuito de os prepararem para viver um teatro inspirado no continente Africano, destaco aqui a fala de Sotigue Koyaté (2006) explicando que a palavra teatro na África não existe, fora trazida pelos colonizadores, mas na parte da África em que ele vive o equivalente seria “NYOGOLON” que significa “nos conhecer”, um lugar onde as pessoas vão clarear a visão, se conhecer².

Parte do projeto já estava pronto, restava agora explicar para os 35 alunos como iria funcionar o musical, o desafio nesse momento era apresentar o texto escrito para apenas quatro personagens, os que teriam falas mais longas e complexas, o restante eu propus que ouvissem a

2 SOTIGUI Kouyatê: um griot no Brasil. Direção: Alexandre Handfest. Produção SESC TV: São Paulo – SP, 2006. 57:09 mim. Son, Color, Formato: 16 mm. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te_3pjl>. Acesso em Acesso em 23 nov. 2016.

história por diversas vezes afim de gravarem na memória, assim como os povos africanos em especial os griots, o objetivo era experimentar a oralidade, como destaca Michel Serres (Apud ANTONACCI, 2016): “Numa cultura de tradição oral, a cena vale intuição... Da boca à orelha a dramatização é a forma de veicular do saber”.³

O musical denominado “COR” acontece em uma loja de brinquedos, onde durante a madrugada os bonecos despertam, adquirem vida e usam de atitudes preconceituosas com a única boneca preta no meio deles. Neste momento a única palavra que pronunciam repetidas vezes é COR, se referindo à boneca e ela referindo a si mesma. O uso de apenas uma palavra tem um sentido muito profundo que vai ao desencontro à lógica oral das sociedades africanas, conforme Diagne (apud ANTONACCI, 2016) “povos e civilizações da oralidade codificam suas mensagens e organizavam a elaboração, gestão e transmissão de seus saberes (...) atendendo seus objetivos de comunicação (...) necessários à perenidade de seus legados culturais”.⁴ Na encenação a boneca por não conhecer sua própria história, a de seus ancestrais, aceitava calada as ofensas preconceituosas e reverberava apenas a palavra COR, dita pelos outros personagens. Neste momento é que sai de uma enorme caixa de presentes ao fundo o boneco Griot (dessa caixa de presentes sairão outros personagens, por este motivo ela fica encostada em um fundo falso, onde outros personagens esperam o momento de entrar em cena), que possui o papel fundamental de entrar com a narrativa oral, de transmitir conhecimento à boneca, fazer que ela tome posse e entenda sua história, bem como a de seus ancestrais. Neste primeiro momento o Griot comovido pela tristeza do preconceito racial que a boneca sofreu a convida a fazer uma viagem no tempo e pede que ela escute as batidas de seu coração, que se transforma na batida de tambores contando a história da lenda como o primeiro tambor chegou à África, especificamente à Guiné. Esta parte do teatro foi a única que não estava escrita no texto para o aluno decorar, pedi que ele ouvisse a história contida em um CD que acompanhava uma coleção de livros sobre lendas e histórias africanas da escola e recontasse à sua maneira sem perder as características principais. Nesta cena instrumentos percussivos eram tocados e crianças entravam no palco fazendo performances manuseando bonecos de macacos do nariz branco, como a lenda mencionava. Exaltando a diversidade da África o Griot convidava outros

3 ANTONACCI, Maria Antonieta. História e pedagogia e “Lógica oral”. **Projeto História**. São Paulo, SP, n 56, p 289, maio /ago. 2016. Michel Serres (19171), epígrafe DIAGNE, M. op. Cit., 2005.

4 ANTONACCI, Maria Antonieta. História e pedagogia e “Lógica oral”. **Projeto História**. São Paulo, SP, n 56, p 303, maio /ago. 2016.

bonecos para entrar em cena, sempre ao som de músicas instrumentais, cantadas em idiomas africanos ou em português e performances corporais, assim como destaca Gottchild (apud IROBI, 2012)

Devemos ter em mente que toda tradição de representação ritual e cerimonial africana, com toda sua música, dança, linguagem de percussão, arquitetura, canções, espetáculos, configurações espaciais, coreografias e máscaras, sempre foram fenomenologicamente transmitidas de geração a geração. Antes e depois da escravidão, estas transmissões foram veiculadas por meio da inteligência do corpo humano ao invés de vídeos, filmes ou letramentos tipográficos (por exemplo, jornais, notebooks ou literatura dramática).⁵

Através de uma narrativa, mesclando poesia, música e dança o boneco Griot transfere à bonequinha conhecimentos a respeito da África citando reinos, enfatizando nesse momento o Egito por ter despertado interesse nos alunos; mencionando também a colonização dos países africanos pelos europeus, as lutas pela democracia e pelo fim da discriminação trazendo à memória Nelson Mandela, conhecido por eles através do filme INVICTUS (Dir. Clint Eastwood, 2009). Depois dessa inserção à África é chegando o ponto do elo com o Brasil através do tráfico negreiro, conseqüentemente a luta pela liberdade, os heróis negros e personalidades que conquistaram reconhecimento chegando ao ponto onde o Griot pergunta à bonequinha a respeito do chão que ela pisa, qual história se enraíza; é contada a ela sobre a Água Santa e a ligação do povo negro com o local. Por fim o Griot se despede e antes de retornar à grande caixa com todos os outros bonecos, há um despertar da oralidade na bonequinha que após ter adquirido consciência de sua história, sua ancestralidade pronuncia versos que enfatizam sua cor, história, antepassados e África. Essa parte do texto é inspirada na poesia “Me Gritaram Negra” de Victória Santa Cruz, poeta, coreógrafa, estilista, folclorista e afro-peruana; abrindo aqui uma oportunidade em abordar o pan-africanismo, não o fiz por já estar mencionando muitos conceitos aos alunos, deixando para tal em uma oportunidade futura. A finalização se dá com uma canção típica da congada mineira, manifestação afrodescendente também estudada pelos alunos; enquanto a maioria dos bonecos retorna à caixa, os que iniciaram o musical e praticavam o preconceito abraçam a boneca negra em um sinal de reconciliação e respeito à sua história, sua cor.

⁵ IROBI, Esiaba. O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. Projeto História, São Paulo, n. 44, p.275, jun. 2012

A respeito das canções inseridas no espetáculo e que possuem idiomas africanos, a professora de música fez uma pesquisa procurando canções pequenas, de fácil entendimento pelos alunos, que tivesse além da melodia também letra e tradução disposta na internet. Houve certa facilidade em encontrar algumas no idioma Zulu, isiXosa, entre outros do sul da África. O momento foi importante para ressaltar a diversidade existente no continente, inclusive mencionar os idiomas que os africanos chegados ao Brasil através do tráfico falavam e como enriqueceu a língua portuguesa. As canções foram escolhidas ao analisar a tradução e contextualização com a cena em que era executada. Como por exemplo, a canção de ninar Thula Baba, tocada no início do musical enquanto os bonecos estão adormecidos e despertam lentamente, ou a música Morokeni, que significa “Olá meu amigo!/Seja bem vindo meu amigo!” tocada quando os bonecos africanos entram em cena chamados pelo Griot, a canção Shosholoza (típica da África do Sul) quando o nome de Nelson Mandela é evocado, outro exemplo é a música Senzenina que seria o equivalente “O que nós fizemos?”, cantada na cena em que os negros escravos são tirados da fazenda de café e deixados na serra de Bicas, para enfim acontecer o milagre da Água Santa. Músicas em português também fazem parte do musical, como “Faraó Divindade do Egito” (Comp. Luciano Gomes / Olodum) e “Zumbi” (Comp. Jorge Ben Jor). Cada música foi escolhida de forma que somasse ao espetáculo e integrasse, sendo meio por onde a história também é contada. A performance das danças também tiveram o mesmo sentido, sendo que em momentos nem uma palavra era dita e a comunicação se dava pelo movimento do corpo entre expressões e gestos, como na cena em que reproduziam a chuva com barulhos feitos no próprio corpo; IROBI, Esiaba lembra que (2012, p. 276-277)

A dança, assim como um legado semiótico, torna-se performance de uma identidade e história semi-lembrada. É interessante notar que mesmo após perderem suas línguas em função do deslocamento além-mar, expressões e fragmentos de danças dos africanos mantiveram e permaneceram enquanto coreografias e vocabulários fenomenológicos da sua história cultural e identidade original.⁶

O texto do musical, em sua maioria são versos de minha autoria, sendo dois poemas de Solano Trindade usados no momento em que é formado o navio negreiro e quando os africanos são

⁶ IROBI, Esiaba. O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. Projeto História, São Paulo, n. 44, p.276-277, jun. 2012

colocados à venda. A lenda do tambor Africano – Guiné Bissau pode ser encontrada em vários canais online seja na forma de vídeo ou escrita. Existe no espetáculo a importância social, consciência em ter raízes, pertencer a um povo uma cultura voltando o olhar a essência do teatro africano que segundo Bakary Traoré (apud WHEBI, 1983) na obra *Le théâtre négro-africain et ses fonctions sociales*, “afirma que esse teatro em sua origem adquiriu uma importante função social como elemento integrador e aglutinador de indivíduos, promovendo intensa coesão social e tornando-se espelho exemplar de costumes, hábitos e condutas”.⁷ O objetivo do espetáculo era além de revelar o continente africano, parte de sua diversidade, também inserir o afro-brasileiro nesse contexto, reavivando a memória local, provocando os alunos a pesquisarem, remexerem no passado e buscar aquilo que nos liga à África. Seguindo o mesmo raciocínio destaco o exemplo de Abdias do Nascimento, com o Teatro Experimental do Negro (TEN), que além das aulas de teatro também ensinava alfabetização e cultura bem como africana e afrodescendente.

⁷ WHEBI, Timochenco. “NOTAS DE LEITURA”. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP* n.06 p.147, 1983. Disponível em: <http://revistas.usp.br/africa/article/viewFile/90879/93545>. Acesso em 13 de dez. 2016.

CONCLUSÃO:

O espetáculo, como mencionado anteriormente pode ser percebido em três esferas interligadas pelas africanidades, África, Brasil, Bicas, nesta última entra de fato a memória local e pode ser moldado conforme a realidade da localidade em que o espetáculo será montado e

apresentado. O material é mutável e adaptado à história afrodescendente local, proporcionando aos alunos algo além de encenar; um aprendizado, descoberta e conseqüentemente o sentimento de pertencimento, aceitação e representatividade. Na escola em que montei o musical a grande maioria dos alunos são negros e o interesse deles em estar participando do musical foi muito grande, atitudes de cunho racista diminuíram, se tornaram praticamente nulas e o orgulho em falarem de suas raízes foi enorme, como afirma IROBI (2012, p.284) “Quando uma pessoa incorpora um sentimento de posse, pertença e participação no processo teatral, a performance encarnará e validará suas experiências, cimentando seu sentimento de comunidade”.⁸

Com o intuito dos alunos entendessem o musical e interpretassem cada personagem, um estudo foi realizado, desde uma viagem ao continente Africano através de ferramentas online (Google earth), vídeos ou filmes que abordassem o tema África como Kiriku (Dir. Michel Ocelot, 1998), Invictus (Dir. Clint Eastwood, 2009), no que diz respeito ao tráfico de escravos africanos selecionei algumas cenas do filme Amistad (Dir. Steven Spielberg, 1998) e imagens em pesquisa na internet, vídeos de corais africanos executando as músicas que eles também estavam aprendendo, imagens e vídeos do Santuário Ecológico da Água Santa e elementos que compunham a história como o inhame rosa o qual alguns alunos desconheciam. No local em que for montado o espetáculo o seu estudo tem que ser muito bem elaborado e realmente propor uma imersão que provoque questionamentos e proporcione aos alunos uma interpretação com vontade, vida, força, vibração e deixe clara a conexão com África. Tal estudo é fundamental, pois alunos de religiões ditas evangélicas, neopentecostais tiveram grande entendimento e interesse a respeito da cultura Africana e Afrodescendente, participando do musical. Apenas um caso onde a mãe foi muito radical, não permitindo a participação de dois filhos seus; mesmo após as crianças insistirem muito e pedirem para a escola intervir junto à mãe, ela foi irredutível, no entanto os meninos sempre pediam para assistir aos ensaios, decoraram as músicas e tocaram instrumentos, mesmo não participando na apresentação oficial.

O musical “COR” foi realizado com alunos do 1º ao 5º anos (sendo a grande maioria do 4º e 5º), de uma escola pública de tempo integral, onde os alunos estudam de 07:30 às 16 horas. No turno da manhã funcionam as aulas do ensino regular e à tarde as oficinas curriculares como as aulas

⁸ IROBI, Esiaba. O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. Projeto História, São Paulo, n. 44, p.284, jun. 2012

de teatro, música e dança, que foram utilizadas para estudo e ensaio, durando cerca de 60 dias com ensaios de 2 horas. No processo criativo, foi destacada a hipótese do espetáculo ser apresentado em qualquer espaço, desde um teatro com palco a italiana à pátios, quadras de escola ou praças de cidades, a intenção era levá-lo onde tivesse oportunidade e público para assistir. O cenário foi pensado em algo que não tivesse alto custo e elementos que não ocupassem muito o espaço cênico, já que em certos momentos estariam em cena uma média de 20 alunos realizando performances. Foi confeccionado uma espécie de biombo com canos de PVC, coberto com tecido preto para ser o fundo falso onde por trás estariam concentrados os personagens esperando o momento de entrar em cena (já que o palco da escola não há coxia) e ao meio encostada ao fundo ficava a grande caixa de presentes, feita também de canos de PVC em formato de paralelepípedo, coberta com tecido de cor viva, procurando dar destaque à mesma, enfeitada com um grande laço e fita. As laterais da caixa eram abertas proporcionando a entrada e saída de cena dos personagens e em sua frente, voltado ao público, posteriormente é colocado um grande mapa do continente africano onde no território de cada país há a representação de sua devida bandeira. O mapa é utilizado pelo Griot com a finalidade de mostrar à bonequinha que África não é um país e sim um continente repleto de países, cada qual com sua diversidade. O figurino foi reaproveitado de outra encenação, que retratou apenas a história da Água Santa, no entanto adicionando tecidos coloridos. Todas as músicas foram executadas ao vivo, sem gravação, mas nada impede o uso do áudio executado em mídia CD ou MP3.

“COR” possui em média 30 minutos de apresentação, dependendo da história local que será adaptada ao final. Pode ser aplicado dentro dos limites e realidade de cada instituição; não importando o quão profissional ou amador seja, mas sim o quanto de dedicação, respeito e comprometimento com a história Africana e Afrodescendente se terá. O aluno/ator deve ser parte importante nessa construção, ao ponto que sua participação em redescobrir a memória local será fundamental no processo criativo, o tornando não apenas um receptor passivo de ideias, mas um grande contribuidor levando relatos de familiares ou conhecidos que enriqueçam o espetáculo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

———. Ministério da Educação/Secad. 2004 **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>>. Acesso em: 15 de nov. de 2015.

_____. Fazendo soar os tambores: o ensino de História da África e dos africanos no Brasil. **Cadernos PENESB**, n.04, 2004.

ADNANE, Mahfouz Ag. Resistência cultural Kel Tamacheque no pós-colonial no Mali e no Níger: o movimento Ichúmar. In: Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social, 27, 2013, Natal. **Anais eletrônico**. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364585799_ARQUIVO_ANPUH-Natal2013_texto_MahfouzAgAdnane.pdf. Acesso em: 22 jul. 2016.

AMISTAD. Direção: Steven Spielberg. Produção: Debbie Allen, Steven Spielberg e Colin Wilson. EUA. DreamWorks, 1997, DVD.

ANTONACCI, Maria Antonieta. História e pedagogia e “Lógica oral”. **Projeto História**. São Paulo, SP, n 56, p 281-313, maio /ago. 2016.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai; a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BÂ, Hampaté Amadou. A tradição viva. In: Ki-Zerbo, Joseph. **História Geral da África – Metodologia e Pré-História da África**. Brasília: Unesco, 2010. p.167-212

BANHAM, Martin; WAKE, Clave. **African Theatre Today**. Pitman Publishing, 1976.

BARBOSA, Muryatan Santana. Eurocentrismo, História e História da África. In: Sankofa. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, São Paulo, n 1, 2008.

BARRY, Boubacar. Reflexões sobre os discursos históricos das tradições orais em Senegâmbia. **Senegâmbia: O desafio da História Regional**. Amsterdam/Rio de Janeiro: SEPHIS/CEAA, 2000, p. 5-34.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 10639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 07 nov. 2015.

COPPENS, Y. A hominização: problemas gerais – Parte I. In: Ki-Zerbo, Joseph. **História Geral da África – Metodologia e Pré-História da África**. Brasília: Vol. I Unesco, 2010. p.447-470.

DIARRA, S. Geografia Histórica: aspectos físicos. In: Ki-Zerbo, Joseph **História Geral da África - Metodologia e Pré-História da África**. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, p. 345-366.

DOCUMENTÁRIO resgata trajetória de Abdias do Nascimento. Produção: TV Senado, 2012. Documentário “Abdias: Raça e Luta”, direção: Maria Maia. 59:06 min. Son. Color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sYLzhTyqt2U> . Acesso em: 22 dez. 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra. Máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Ed. Fator , 1983.

GREENBERG, J. H. Classificação das línguas. In: Ki-Zerbo, Joseph. **História Geral da África - Metodologia e Pré-História da África**. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, p. 317-336.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

INVICTUS. Direção: Clint Eastwood. Produção: Clint Eastwood, Lori McCreary, Robert Lorenz, Mace Neufeld. EUA. Warner Bros. Pictures, 2009, 1DVD.

IROBI, Esiaba. **O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora**. Projeto História, São Paulo, n. 44, p.276-277, jun. 2012

KABENGELE, Munanga, organizador. **Superando o Racismo na escola**. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

KIRIKU e a Feiticeira. Direção: Michel Ocelot. Produção: Didier Brunner. Bélgica / França / Luxemburgo. France 3 Cinéma, 1998, 1DVD.

KI-ZERBO, Joseph & HAMA, Boubou. O lugar da História na sociedade africana. **História Geral da África - Metodologia e Pré-História da África**. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, p. 23-36.

LIMA, Heloisa Pires; HERNANDEZ, Leila Leite. **Toques do griô**: memórias sobre contadores de histórias africanos. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

LIMA, Mônica. História da África .In: **Cadernos PENESB**: Revista do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira, Niterói, n 12, p. 23–68, 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/penesb/images/publicacoes/LIVRO%20PENESB%2012.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2016.

LOPES, Carlos. A pirâmide invertida. Historiografia africana feita por africanos. In: **Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África**. Lisboa: Linopazes, 1995.

NIANE, Djibril Tamsir. O Mali e a segunda expansão manden, em **História Geral da África IV**. África do século XII ao XVI. Organizado por Djibril Tamsir Niane. 2ª ed., São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 2010, p. 133-192.

NKAMA, Ofogo Boniface. A arte de contar histórias na África: entre o mito, a ponte e a realidade. A formação do contador de histórias na África. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Org). **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo Cortez, 2012, p.247-267.

O TEATRO Experimental do Negro – Ocupação Abdias Nascimento (2016). Realização: Itaú Cultural, Ministério da Cultura, 2016. 18:59 min. Son, Color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8SIG0UDCdeQ> Acesso em: 22 dez. 2016.

PEREIRA, José Maria Nunes. África um novo olhar. In: **Cadernos CEAP**. Rio de Janeiro, 2006.

PEREIRA, Junia Sales. Diálogos sobre o Exercício da Docência recepção das leis 10.639/03 e 11.645/08. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n 1, 2011.

POLLAK, Michael. **“Memória, esquecimento, silêncio.”** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

SERRANO, Carlos. WALDMAN, Maurício. **Mémoria d’África**: a temática africana em sala de aula. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SILVA, Geranilde Costa e. **Pretagogia**: construindo um referencial teórico-metodológico de matriz africana para a formação de professores/as. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7955> . Acesso em 03 jan. 2017.

SISTO, Celso. **O griô que eu não sou e as histórias africanas que me enredam**. As histórias africanas: uma herança viva. In: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano (Org) **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo Cortez, 2012, p. 269-291.

SOTIGUI Kouyatê: um griot no Brasil. Direção: Alexandre Handfest. Produção SESC TV: São Paulo – SP, 2006. 57:09 mim. Son, Color, Formato: 16 mm. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te_3pjl>. Acesso em 23 nov. 2016.

SOUZA, Mônica Lima. Para que serve a história da África? **Revista História Viva**. São Paulo: Duetto Editorial, nº123, 2014.

SOYINKA, Wole; **O Leão e a Jóia**. Tradução: Willian Lagos. São Paulo, Geração Editorial, 2012.

TRAORÉ, Bakary. **Le Théâtre Nègro-Africain et ses fonctions sociales**. Paris, Ed. Présence Africaine. 1958.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia, In: Ki-Zerbo, Joseph. **História Geral da África – Metodologia e Pré-História da África**. Brasília: Unesco, 2010, p.139-166.

VAZ, Carlos et al. **O Teatro dos Sete Povos Lusófonos**. São Paulo: Navegar é Preciso, 1998

WHEBI, Timochenco. “NOTAS DE LEITURA”. África: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP n.06 p.147, 1983.

COR

PERSONAGENS:

(Todos os personagens do musical são bonecos)

Pretinha

Fadinha

Soldadinho

Cowboy

Griot

18 a 20 Bonecos Africanos

Coronel

Capataz 1

Capataz 2

Santinha

CENÁRIO

O Cenário é único, a vitrine de uma loja de brinquedos ao fundo uma grande caixa de presentes de onde outros bonecos sairão em momentos distintos na história.

Obs: Com canos de PVC pode-se fazer o fundo falso, como um biombo coberto com tecido preto, onde os atores estarão concentrados para entrar em cena (caso não exista coxia), a caixa de presentes também pode ser feita de canos de pvc em formato de paralelepípedo revestida com tecido liso de cor viva, sem estampas para deixar nítido o mapa da África que será colocado na frente da caixa em uma cena do espetáculo. Um laço e fita também deve ser colocado na caixa para realçá-la.

IMPORTANTE

ESTE ESPETÁCULO PODE E DEVE SER ADAPTÁVEL CONFORME A HISTÓRIA LOCAL AFRODESCENDENTE DE CADA LUGAR ONDE ELE FOR MONTADO. A EXPLICAÇÃO É DADA NO PRÓPRIO TEXTO, COM BALÕES DE AVISOS COMO ESTE, NA CENA EM QUE SE FINALIZA A MÚSICA ZUMBI (Jorge Ben Jor)

OBS: Todas as músicas do espetáculo são encontradas facilmente na internet, inclusive em vídeos no youtube.

COR

A cena inicia na vitrine de uma loja (cenário único), com 04 bonecos imóveis dispostos no espaço cênico (Pretinha, Fadinha, Soldadinho e Cowboy), sendo que a boneca Pretinha fica um pouco mais afastada dos demais e de fundo instrumental é tocada a canção africana “Thula Baba”. Atrás dos bonecos, encostada no fundo falso, está uma grande caixa de presentes de onde sairá pelas laterais outros bonecos que aos poucos vão compor a história.

VOZ NARRADOR (A): Era noite, todos na cidade (pode-se citar o nome da cidade onde ocorre a apresentação), já estavam dormindo, não se via uma luz acesa dentro das casas, não se ouvia barulho algum, nem de crianças brincando, de carros nas ruas ou de um mosquitinho qualquer..., o

silêncio era total e foi nesse momento que algo mágico começou a acontecer com os brinquedos em uma loja da cidade...!

A boneca Pretinha desperta e começa a caminhar pela loja observando os brinquedos e se direciona para uma bola, pegando-a e começa a brincar sozinha. Com o barulho os outros bonecos (boneca Fadinha, boneco Cowboy, boneco Soldadinho), despertam e ficam observando com estranheza a cena. Distraidamente a bonequinha Pretinha esbarra na boneca Fadinha, há uma troca de olhares; Pretinha surpresa, enquanto os outros com mais seriedade. A boneca Pretinha estende a mão com a bola em sinal de convite para que os demais entrem na brincadeira, no entanto a Fadinha dá um tapa na bola, dirige um olhar sério e frio à Pretinha e grita “COR”!!!! Sem entender o que está acontecendo Pretinha vai atrás da bola pegando-a e novamente e chamando-os para brincar, mas dessa vez os outros dois bonecos que estão em ambos os lados da Fadinha empurram a bonequinha Pretinha gritando “COR”! Nesse momento Pretinha se olha sentando no procênio, entristecida percebendo sua cor, enquanto os outros bonecos riem e repetem a palavra “COR” em tom de deboche.

Em meio às gargalhadas a Fadinha tem uma ideia e em segredo revela aos outros bonecos, cochichando; assim que terminam a conversa Fadinha chama Pretinha para brincar com a bola enquanto os outros dois fingem passear pela loja, assoviando como quem não quer nada (por um breve tempo). No meio da brincadeira das bonecas, Soldadinho e Cowboy agarram a Pretinha segurando em seus braços, enquanto Fadinha apressadamente pega um pote de tinta branca e começa a passar no rosto, braços e pernas da Pretinha gritando a palavra “COR” e rindo junto com os bonecos debochadamente. Em seguida largam Pretinha, que se olhando cai ao chão e fica cabisbaixa, enquanto o preconceito se estende até o momento em que apenas um toque de tambor (como um TUM- TUM) ecoa dentro da enorme caixa de presentes ao fundo (Esse toque é seguido de um silêncio). Todos os bonecos olham assustados procurando o lugar do barulho, menos a Pretinha que permanece cabisbaixa durante todo esse processo. Novamente há o toque, há uma desconfiança em vir da caixa de presentes, a qual a Fadinha manda os bonecos irem ver do que se trata. Caminhando na ponta dos pés o Cowboy e Soldadinho se dirigem à caixa, quando estão prestes a ver o que há dentro, novamente o barulho surge e eles acabam correndo para o procênio à esquerda, com medo, se escondendo um no outro. A Fadinha demonstra insatisfação e fica irritada com a atitude medrosa de seus companheiros; sozinha vai descobrir a origem do barulho caminhando com cautela até à caixa e quando está bem ao lado observando, eis que dela sai em um pulo um outro boneco (Griot)

com ares de espontaneidade e alegria. Assustada e com medo, a boneca se junta aos outros dois bonecos. (Os três bonecos permanecerão neste local assistindo e entendendo a história até a cena final do espetáculo, quando a boneca Pretinha declamará o poema “Me Gritaram COR!”).

GRIOT: *(Pulando da caixa)* Tanaku !! Olá!

Aqui estou para uma história contar, na lembrança homenagear e não deixar se perder a história de um povo que você já vai entender! *(Observa ao redor se direciona aos três bonecos que estão agachados com medo, acena cumprimentando, os bonecos levantam a cabeça e tornam a abaixar e tremer de medo. Então nota a presença da Pretinha que está triste no outro canto e se dirige à ela)* O que aconteceu com você bonequinha... porque a tristeza?

PRETINHA: Cor!!!

GRIOT: A sua cor é uma lindeza! Traz história da África de onde veio muita gente, que parece ser tudo igual, mas que tem muita coisa diferente!!!!

Venha *(chamando a boneca a se levantar e se dirigindo ao centro do palco)*, vamos fazer uma viagem no tempo, Então nesse momento feche os olhos e ouça o coração e vamos pela batida que ao continente Africano nos liga. *(Um instrumental com tambores é tocado)* Tá ouvindo? É o som da lenda do tambor... *(O Griot conta a lenda africana do tambor de forma espontânea, com suas palavras)*

- LENDA DO TAMBOR AFRICANO -

Dizem na Guiné que a primeira viagem à Lua foi feita pelo Macaquinho de nariz branco. Segundo dizem, certo dia, os macaquinhos de nariz branco resolveram fazer uma viagem à Lua a fim de trazê-la para a Terra. Após tanto tentar subir, sem nenhum sucesso, um deles, dizem que o menor, teve a idéia de subirem uns por cima dos outros, até que um deles conseguiu chegar à Lua.

Porém, a pilha de macacos desmoronou e todos caíram, menos o menor, que ficou pendurado na Lua. Esta lhe deu a mão e o ajudou a subir. A Lua gostou tanto dele que lhe ofereceu,

como regalo, um tamborinho. O macaquinho foi ficando por lá, até que começou a sentir saudades de casa e resolveu pedir à Lua que o deixasse voltar.

A Lua o amarrou ao tamborinho para descê-lo pela corda, pedindo a ele que não tocasse antes de chegar à Terra e, assim que chegasse, tocasse bem forte para que ela cortasse o fio.

O Macaquinho foi descendo feliz da vida, mas na metade do caminho, não resistiu e tocou o tamborinho. Ao ouvir o som do tambor a Lua pensou que o Macaquinho houvesse chegado à Terra e cortou a corda. O Macaquinho caiu e, antes de morrer, ainda pode dizer a uma moça que o encontrou, que aquilo que ele tinha era um tamborinho, que deveria ser entregue aos homens do seu país. A moça foi logo contar a todos sobre o ocorrido.

Vieram pessoas de todo o país e, naquela terra africana, ouviam-se os primeiros sons de tambor.

GRIOT: *Veja! Lá vem os macaquinhos (Saem da caixa 8 alunos vestidos de preto para não tirar a atenção do grande boneco macaco feito de feltro ou EVA, que cada um traz nas mãos, realizando uma performance corporal ao som de tambores).*

>>>MÚSICA MOROKENI INSTRUMENTAL PARA DANÇA DOS MACAQUINHOS (TAMBORES).

GRIOT: *(Ao término da dança, logo que os macaquinhos retornam à caixa) Como eu falei o macaquinho de nariz branco deu o tamborzinho pra uma jovem e pediu que o levasse ao seu povo, no entanto ele se espalhou por vários povos na África.*

>>>MÚSICA MOROKENI EM COMPASSO MAIS ACELERADO E CANTADA. *(Nesse momento saem da caixa 18 bonecos Africanos cantando e dançando, enquanto isso um deles de forma discreta coloca na frente da caixa um grande mapa do continente africano. A música encerra e os bonecos ficam perfilados nas laterais do palco, nove de cada lado, deixando o centro livre para o Griot e Pretinha se dirigirem ao mapa).*

- MOROKENI -

MOROKENI VAKWETE MOROKENI (OOSH) [som=Úsh]

MOROKENI VAKWETUU-UU (OOSH) [som=Úsh]

MOROKENI VAKWETE MOROKENI (OOSH) [som=Úsh]

MOROKENI VAKWETUU MOROO (Ôooo...)

(Na segunda vez tem a vocalização "Ôooo...")

MOROKENI VAKWETE MOROKENI

MOROKENI VAKWETUU-UU

MOROKENI VAKWETE MOROKENI

MOROKENI VAKWETU

Shiii...êi...êi,êi

Shiii...êi...êi,êi

Shiii...êi...êi,êi (Finaliza com uma batida forte e seca do pé no chão, ou uma palma)

Tradução:

MOROKENI VAKWETU – Olá meu amigo! OU

Seja bem vindo meu amigo!

GRIOT: Este é o continente Africano, com muitos lugares diferentes, com países diferentes, com povos diferentes, florestas, savanas, desertos, grandes e pequenas cidades, cientistas, músicos, poetas, escritores, terra de grandes reinos como no Egito veja só, terra das pirâmides e Faraós.

PRETINHA: Faraó???

GRIOT: Sim... Eu falei Faraó *(Cantando a música do Olodum "Faraó Divindade do Egito" juntamente com a performance de alguns bonecos que estavam nas laterais do palco, assumindo o centro e finalizando novamente nas laterais, deixando o meio livre para o Griot e Pretinha).*

>>> *MÚSICA FARAÓ DIVINDADE DO EGITO*

- FARAÓ DIVINDADE DO EGITO - (LUCIANO GOMES / OLODUM)

(APENAS REFRÃO)

Eu falei Faraó

Êeeh Faraó!

Êee Faraó!

Pirâmide base do Egito

Êee Faraó!

Êee Faraó!

É!

Que Mara Mara

Maravilha ê!

Egito, Egito ê!

É!

Que Mara Mara

Maravilha ê!

Egito, Egito ê!

Faraó ó ó ó ó!

Faraó ó ó ó ó!

GRIOT: Mali, Congo, Gana, Iorubá, Benin...vários e Grandes reinos estavam espalhados por todo continente africano, mas é claro que não era dividido dessa forma como você está observando (*aponta para o mapa*), é tanta história pra falar, muito mais do que toda a areia do Saara se eu for comparar!

Hoje a África está desse jeito aí que você está vendo, são 54 países ,sendo que muitos foram colonizados por países lá da Europa como Portugal, França e Inglaterra e outros que exploraram e ainda exploram essa terra. Houve e ainda há muita luta e resistência, como na África do Sul, onde um homem com muita inteligência, lutou sem violência pelo fim da discriminação e que os negros tivessem os mesmos direitos que os brancos daquela nação. Viva Madiba! Nelson Mandela!

>>> *MÚSICA SHOSHOLOZA (Nesse instante os bonecos africanos saem das laterais cantando Shosholoza e lentamente enquanto dançam e cantam formam com seus corpos no centro do palco uma espécie de embarcação, um navio negreiro).*

SHOSHOLOZA –

Shosholoza

Kule ... Zontaba

Stimela siphume South Africa

Wen'uyabaleka

Wen'uyabaleka

Kule ... Zontaba

Stimela siphume South Africa

Shosholoza

Kule ... Zontaba

Stimela siphume South Africa

Wen'uyabaleka

Wen'uyabaleka

Kule ... Zontaba

Stimela siphume South Africa

Tradução:

SEGUINDO ADIANTE

Seguindo adiante

Através destas montanhas

Trem da África do Sul

Você está indo embora

Você está indo embora

Através destas montanhas

Trem da África do Sul

Seguindo adiante

Através destas montanhas

Trem da África do Sul

Você está indo embora

Você está indo embora

Através destas montanhas

Trem da África do Sul

GRIOT: *(Ao término da música)* Mas como falei, são muitas as histórias para contar desse imenso e rico lugar, no entanto a sua ligação começa depois dos faraós e antes de Nelson Mandela. Na época em que os reinos da Europa foram aos reinos do continente africano, procurando fazer uma coisa que alguns têm medo ou vergonha em dizer.

(Bonecos africanos na formação do navio enquanto repetem a palavra “kalunga”, movimentam o corpo como uma onda no mar. Ao mesmo tempo ao fundo há uma batida de percussão. Um boneco se desloca da formação e declama o poema “navio negreiro”, ao término volta à formação).

- NAVIO NEGREIRO - (SOLANO TRINDADE)

Lá vem o navio negreiro,

Lá vem ele sobre o mar

Lá vem o navio negreiro

Vamos minha gente olhar

Lá vem o navio negreiro

Por água brasileira

Lá vem o navio negreiro, trazendo carga humana

Lá vem o navio negreiro, cheio de melancolia

Lá vem o navio negreiro, cheio de poesia

Lá vem o navio negreiro, com carga de resistência

Lá vem o navio negreiro, cheio de inteligência!

GRIOT: Viu???? Assim chegaram ao Brasil. A nova terra, estranha, forçados, obrigados ao serviço escravo. Vendidos como objeto, sem destino certo. Uma mercadoria, como se não tivessem história, como se não fossem vidas. *(Enquanto os africanos vão desfazendo o navio negreiro e se posicionando no palco como estivessem sendo leiloados, um boneco declama o poema “Quem tá gemendo?”, de Solano Trindade. Durante a declamação executa-se em volume baixo, um fundo musical com berimbau.)*

QUEM TÁ GEMENDO? (SOLANO TRINDADE)

Quem tá gemendo? Nego ou carro de boi?

Quem tá gemendo? Nego ou carro de boi?

Carro de boi geme quando quer...nego não! Nego geme porque apanha!

Apanha pra não gemer.

Gemido de nego é cantiga, gemido de nego é poema

Geme na minha alma, a alma do Congo, do Níger, da Guiné... de toda a África enfim

Alma da América

A Alma Universal.

Quem ta gemendo???

Nego ou carro de boi?

Quem ta gemendo???

Nego ou carro de boi?

>>> *MÚSICA ZUMBI (Ao término da poesia, inicia a canção “Zumbi”, autoria de Jorge Bem Jor, onde os bonecos africanos realizam uma performance interpretando a letra da música, o interessante é no momento em que a canção cita Zumbi, sair um boneco da caixa o representando e se juntando à performance que termina com todos estáticos no palco com os braços levantados em sinal de força e resistência. Enquanto os bonecos estão parados o boneco Griot continua a contar a história.)*

- ZUMBI - (JORGE BEN JOR)

Angola, Congo, Benguela

Monjolo, Cabinda, Mina

Quiloa, Rebolo

Aqui onde estão os homens

Há um grande leilão

Dizem que nele há um princesa à venda

Que veio junto com seus súditos

Acorrentados num carro de boi

Eu quero ver

Eu quero ver

Eu quero ver

Angola, congo, benguela

Monjolo, cabinda, mina

Quiloa, rebolo

Aqui onde estão os homens

De um lado cana de açúcar

Do outro lado, cafezal

Ao centro, senhores sentados

Vendo a colheita do algodão branco, branco, branco

Sendo colhidos por mãos negras

Eu quero ver

Eu quero ver

Eu quero ver

Quando zumbi chegar

O que vai acontecer

Zumbi é senhor das guerras

É senhor das demandas

Quando zumbi chega

É zumbi é quem manda

Eu quero ver

Eu quero ver

Eu quero ver

Angola, Congo, Cabinda, Monjolo e

Quiloa, Quiloa, Rebolo

Eu quero ver

Eu quero ver

Eu quero ver angola

Zumbi

GRIOT: Resistir, prosseguir! Muitos foram os heróis como Zumbi, pela nova história construída no Brasil se espalharam, com muita luta reconhecimento conquistaram. Somaram no idioma, no folclore, na música, na dança, na arte, na culinária, na ciência, na política na fé! Axé!

Bonecos que executaram a performance e estão parados no palco saem pelo público em duplas ou trios (cada grupo em um momento distinto), exaltando em voz alta personalidades afro-brasileiras. Ex.: Abdias do Nascimento, Pixinguinha, Carolina de Jesus, Taís Araujo, entre outras por sugestão do grupo. Esses bonecos que saíram pelo público se reúnem em silêncio e concentração em um local pré-definido para no momento distinto entrarem em cena novamente contando a história local.

GRIOT: *(Depois que todos os grupos de bonecos saíram pelo público)* Em cada lugar, um pouco da semente está plantada. A história, a voz não pôde ser calada. Bonequinha, e nesse chão que pisa, você sabe a semente que se enraíza? Os que aqui antes de você estiveram. Seus antepassados que nesse espaço têm uma linda história, que muitas vezes não está na vitrine, mesmo que discriminem, está viva, mais forte que do que você imagina...

ATENÇÃO!!!!

AQUI, NESTE PONTO DO MUSICAL ATÉ O MOMENTO DA FALA DO GRIOT

(“ Quem escreve a história? O que fica na memória? É preciso ouvir o tempo, no ar que se respira ou no sopro do vento...”), **É A PARTE ADAPTÁVEL À HISTÓRIA LOCAL, ONDE O ESPETÁCULO SERÁ MONTADO. CADA ESCOLA, GRUPO DE TEATRO, ASSOCIAÇÃO, ETC... DEVE PESQUISAR A HISTÓRIA LOCAL E ADAPTAR DE FORMA CRIATIVA USANDO MÚSICAS, DANÇAS, DECLAMAÇÕES, ETC, PARA RECONTAR A HERANÇA AFRO-BRASILEIRA QUE EXISTE NAQUELE LOCAL. A SEGUIR EXEMPLIFICAREI COMO FOI EXECUTADA A HISTÓRIA DO SANTUÁRIO ECOLÓGICO DA ÁGUA SANTA EM BICAS - MG.**

OBS: A REFERIDA HISTÓRIA ESTÁ EM ANEXO APÓS O TEXTO DO MUSICAL.

Após a fala do Griot, os bonecos que saíram pela multidão retornam em duas filas por de trás do público abrindo caminho, através de mímica como se estivessem saindo do cafezal carregando balaies com a colheita na cabeça e ombros cantando a canção “EMLANJENI” retornando ao palco.

>>> MÚSICA EMLANJENI

- EMLANJENI -

Emlanjeni EBabiloni (Pelo rio da Babilônia) x3

Sathi vuthu , sahlala phansi (onde nos reunimos)

Salila izinyembezi (E lá nós choramos)

Sathi vuthu , sahlala phansi (Onde nos sentamos)

Salila izinyembezi (E lá nós choramos)

Somandla Siyabonga (Senhor, obrigado)

Uthando isiphelona (Para seu amor e refúgio)

Sikhala isithlupheka , (você ouviu nossos gritos e problemas)

Uyazisuli izinyembezi (E Você enxugou as lágrimas)

Sathi vuthu , sahlala phansi (Onde nos sentamos)

Salila izinyembezi (E lá nós choramos)

" **Yelee** " (é som de louvor)

Yelee yelee **Jehova** , Yelee Yelee Yelee Yelee , Yelee Yelee Yelee Yelee ,

Yelee Yelee Yelee **Modimo** (O Senhor em Sotho)

Depois que a canção é executada os bonecos param no palco, quando dentro da caixa de presentes saem dois capitães do mato ou capatazes e afastam os bonecos africanos para as laterais, abrindo espaço à entrada do Coronel, que sai imponente da caixa, se direcionando ao procênio. Os dois capitães do mato (um de cada vez) tiram um boneco com feridas e mostram ao Coronel, pedindo através de sinais que mostrem outros com a mesma enfermidade, logo os capatazes começam a retirar um a um dos escravos doentes, oito no total. O Coronel de forma ríspida, através de sinais ordena a irem embora para longe, em direção à serra, saindo de cena retornando à caixa acompanhado dos capitães do mato. Os outros bonecos fazem duas filas, uma em cada lateral do palco para cantar, olhando ao centro onde através de uma performance com a música "SENZENINA" os escravos doentes mostrarão a jornada até o local da Água Santa.

>>> MÚSICA SENZENINA

- SENZENINA -

" Senzenina / Sohlangana ezulwini "

Tradução: "O que nós fizemos / nós nos encontraremos no céu"

Ao término da música todos os 8 escravos doentes estão no chão cansados e adormecidos; enquanto isso os outros bonecos que permanecem em pé nas laterais começam a simular uma chuva com sons feitos pelo próprio corpo, iniciando estalando os dedos e posteriormente batendo a palma das mãos (em formato de concha) nas pernas conforme vai se tornando um temporal, até que depois de um tempo retorna a estalar os dedos mostrando o cessar da tempestade como se caíssem pequenas gotas. Enquanto a chuva cai os escravos no centro do palco acordam, através de mímica sentem a água, ficam felizes, se banham, abraçam e as feridas são retiradas de forma discreta, de acordo com o cessar do barulho eles se juntam aos outros personagens nas laterais que vão sentando devagar olhando ao centro. Da caixa de presentes saem o Coronel e um capataz, segurando um de cada lado o mais alto que puderem um bastão (1,50 m) na horizontal, enfeitado com muitas fitas brancas e azuis caindo ao chão (como uma cascata), onde por de trás surge uma boneca simbolizando a Nossa Senhora das Graças introduzida no local pelos colonos católicos, essa boneca faz uma performance solo da música "Ave Maria Natureza".

OBS: Os alunos em estudo ficaram cientes que para os escravos africanos a cura estava na água e o que a mesma poderia representar a eles pela cultura a qual pertenciam. Foi explicado também que a introdução do ícone da santa pela igreja católica, se deu pela grande influência que a instituição tinha na cidade naquela época e querendo resignificar a crença.

>>> MÚSICA AVE MARIA NATUREZA

- AVE MARIA NATUREZA – (PAULA FERNANDES)

Ave Maria

Mãe das estrelas

Mãe do céu

Alma doce da natureza

Oh seiva viva que nutre esse chão

Dá a tua luz

A tudo que vive e respira

Leva a dor do coração

Ohh doce mãe estende teu manto

Essa terra que tanto precisa de ti

Transforma os corações dos homens

Para que o paraíso aconteça aqui

Santa Maria

ATENÇÃO (2) !!!!!

NESTE PONTO FINALIZA A HISTÓRIA LOCAL E RETOMA-SE O TEXTO ORIGINAL DO MUSICAL

GRIOT: Quem escreve a história? O que fica na memória? É preciso ouvir o tempo, no ar que se respira ou no sopro do vento. Cuidar para não esquecer, da lembrança na memória aquecer. “Umbote”... significa tudo que é o bem ,o belo, o amor. “Umbote” a todos, respeitem nossa história, por favor! Licença e vou me despedindo com canção e flor!

>>> *MÚSICA TÁ CAINDA FULÔ (Todos os personagens estão em cena cantando e dançando a música do congado mineiro “Tá Caindo Fulô”. A música vai diminuindo para a fala final da bonequinha Pretinha que agora empodeirada, ciente de sua história, dos seus ancestrais e o que sua cor significa, recita do poema “Me Gritavam Cor”, inspirado na obra “Me Gritaram Negra” de Victoria Santa Cruz)*

- TÁ CAINDO FULÔ -

Tá Caindo Fulô Ê, Tá Caindo Fulô

Tá Caindo Fulô Ê, Tá Caindo Fulô

Lá no céu, Cá na terra / Ê... Tá caindo fulo

PRETINHA: *(Poema “ME GRITAVAM COR” inspirado na poesia “ME GRITARAM NEGRA” de Victoria Santa Cruz. OBS: TUDO QUE ESTÁ EM **NEGRITO E SUBLINHADO** TODOS OS OUTROS BONECOS DIZEM EM TOM FORTE E ALTO)*

- ME GRITAVAM COR -

Eram tantas vozes que me gritavam **COR!**

Que Cor é essa?

Olhei pra mim e me vi,

E tentei me esconder quando gritavam **COR! COR! COR!**

Como era triste ter essa cor, sentir o peso dessa cor!

Me fiz invisível. Não queria meu cabelo **(COR)**, minha pele **(COR)**, meu nariz **(COR)**, meus lábios
(COR)...

COR, COR, COR!

E enquanto eu quase sumi, ouvi a batida que vem do peito

COR, COR, COR (Daqui por diante o poema fica mais ritmado com batidas de percussão)

SIIMMMM

COR, COR, COR,

Cor De muitas histórias

COR, COR, COR

Cor da minha história

COR, COR, COR,

Dos meus ancestrais

COR, COR, COR,

E que mais bela COR!

COR, COR, COR,

Que ritmo tem essa COR!

COR, COR, COR.....(Dizendo a palavra COR por diversas vezes em tom de voz alto, bem mais ritmado, com performances corporais, que vão diminuindo gradativamente para a retomada do texto)

AGORA SIM

EU SIGO EU VOU

SEM MEDO DA COR

EU SIGO E VOU

SEM ÓDIO E COM AMOR

EU SIGO E VOU

RESISTINDO COM ORGULHO , FORÇA E GRATIDÃO POR TER ESSA LINDA COR E SER QUEM SOU!!!

EU SIGO E VOU!!!!

EU JÁ SEI O SEGREDO, QUE ME ESCONDERAM

COR, COR, COR, COOOOOR, (*pausa o ritmo para a última fala*)

DAQUELA SEMENTE HOJE EU SOU A FLOR!

>>> *MÚSICA TÁ CAINDO FULÔ*

- TÁ CAINDO FULÔ -

Tá Caindo Fulô Ê, Tá Caindo Fulô

Tá Caindo Fulô Ê, Tá Caindo Fulô

Lá no céu, Cá na terra / Ê... Tá caindo fulô

Quem ouviu o meu cantar

Um pouco me conheceu

Vou levar no coração,

A fulô que tu me deu

E sempre que chega a hora

De partir pra outro chão

Deixo a tristeza de fora

E canto minha louvação

Eu não vou estar aqui

Mas nunca vou me esquecer

O calor que recebi

Dou de volta pra você

Vou me embora, vou me embora

Deixo aqui meu coração

Vou saindo em plena aurora

Deixando fulô no chão

Tá Caindo Fulô Ê, Tá Caindo Fulô

Tá Caindo Fulô Ê, Tá Caindo Fulô

Lá no céu, Cá na terra / Ê... Tá caindo fulô

(A música "Tá caindo Fulô" é reiniciada, enquanto todos os bonecos vão retornando à grande caixa de presentes dançando e cantando. Os 04 que iniciaram a história -Pretinha, Fadinha, Soldadinho e Cowboy -, brincam de roda e se abraçam, sentando no chão de forma unida, ficando imóveis esperando a loja abrir.

FIM

ANEXO AO MUSICAL

HISTÓRIA DO SANTUÁRIO ECOLÓGICO DA ÁGUA SANTA

Segundo o conhecimento que foi passado de geração a geração através da oralidade, a história data de 1860, Bicas era conhecida como Arraial das Taboas. Havia grandes fazendas de café e a mão de obra era de escravos africanos. Era costume levar todo escravo enfermo para longe das senzalas e assim não contaminasse os demais. Um grupo de escravos com feridas pelo corpo com aspecto maligno foi levado para o alto da serra, onde havia água em abundância e inhame rosa como alimento. Passado o tempo, eles voltaram para a fazenda inteiramente curados, ficando conhecido que a cura destes escravos foi pela água, então reconhecida como Água Santa. As peregrinações de fé passaram de geração a geração até os dias de hoje. Com a influência da Igreja Católica e das famílias italianas, um ícone de Nossa Senhora das Graças foi adicionado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH

PORTFÓLIO ACADÊMICO

- João Vítor de Oliveira -

JUIZ DE FORA

2016

JOÃO VÍCTOR DE OLIVEIRA

PORTFÓLIO ACADÊMICO

Portfólio Acadêmico construído ao longo da pós-graduação e apresentado ao professor de seminário como requisito parcial para aprovação no curso de Pós - Graduação e especialização História da África da UFJF.

JUIZ DE FORA

2016

PRIMEIRA PARTE - “HISTÓRIAS DE VIDA E MEMÓRIA”:

Durante minha vida como aluno do ensino infantil, fundamental, médio e superior, qualquer assunto que remetesse ao continente Africano foi praticamente nulo.

No infantil, me recordo muito bem de celebrarmos datas como o dia do índio, bandeira, soldado, mas em nenhum momento me vem à memória celebrando a África ou afro-descendência

Já no ensino fundamental, se não me engano sétima série, me recordo que na aula de História tivemos um contato com um livro que abordava o Egito, mas o fato do povo egípcio ser negro, bem como o país ficar na África, não ficou fixado em minha memória. Neste mesmo tempo, em meu colégio aconteceu uma feira de cultura e ciência, onde entre vários assuntos a questão racial teve enfoque de uma equipe. O assunto foi polêmico e me recordo de haver na bancada várias revistas como uma publicação chamada “RAÇA” (que havia na capa pessoas negras, de cabelos crespos), ao qual os alunos responsabilizavam pelo racismo, pois segundo o senso comum naquele momento os negros ao publicarem aquele material estavam reforçando o preconceito. Me lembro da frase reverberada “Eles mesmos são preconceituosos, pois publicam esse material e o compram, querendo reforçar apenas a raça deles”. Naquele momento não me recordo dos professores conduzirem esse debate. Deixaram no vazio e senso comum do nosso pensamento adolescente.

Até a oitava série estudei em Bicas, uma pequena cidade da Zona da Mata Mineira, onde até uns 20 anos atrás, mais ou menos, não havia ensino particular, o que levou muitos alunos de poucas condições financeiras estudarem com os de melhores condições. A grande maioria da sala escolar eram brancos, existiam poucos negros, talvez 4 em uma turma de 30 alunos. Me recordo de existirem salas com maior quantidade de negros as quais tinham o estigma de serem alunos rebeldes, turma difícil. Naquela época eu não entendia muito bem o porque disso, além da percepção que em umas via-se mais negros que em outras.

Algumas famílias de minha pequena cidade sempre se orgulharam do sangue europeu e seus sobrenomes italianos, portugueses, espanhóis em alguns casos também do Oriente Médio. Naquela época meu pai era o único com trabalho remunerado de minha casa, com uma mulher e quatro filhos para sustentar; sou o terceiro filho e meu tom de pele e cabelo mais claro que o dele e de meus irmãos, serviu como piada para seus amigos do trabalho e bar dizerem que eu seria filho do padeiro, leiteiro..., acredito que meu estereótipo também fez com que eu sempre estudasse nas salas dos alunos mais brancos e que detinham um sobrenome respeitável na cidade. Nas festas escolares em que meu pai conseguia ir, as perguntas sobre ele ser meu padrasto ou eu ser adotado sempre surgiam e apesar do incômodo eu fingia levar na brincadeira.

Após me formar no ensino fundamental, passei no concurso do CTU (Colégio Técnico Universitário) e iniciei os estudos em Juiz de Fora. No ensino médio novamente o Egito surge como

conteúdo da aula de história, mais breve do que no fundamental. Neste período, minha experiência que teve alguma significância, no sentido crítico, pode ser creditada em princípio aos meus vizinhos e alguns amigos que participavam de um movimento negro (não me recordo do nome) e organizavam eventos como desfiles chamados de “Beleza Negra”. Em conversa me falavam sobre a importância da representatividade e entendi o que queriam dizer aquelas revistas expostas na feira de cultura e ciência do ensino fundamental.

Posteriormente iniciei o ensino superior em Comunicação Social onde foi completamente nula a presença de qualquer conteúdo que realmente remetesse ao continente Africano, a não ser a companheira de turma Djanira Batista, de Guiné-Bissau que morou no Brasil durante uns anos até a conclusão do curso. Após formado trabalhei como assessor na câmara municipal, prefeitura e rádio, mas por desenvolver desde a adolescência trabalhos teatrais fui chamado para trabalhar na Oficina de Teatro de uma escola em tempo integral. No início para conciliar com os outros trabalhos eram poucas aulas, atualmente me dedico integralmente à escola, iniciando inclusive a graduação em pedagogia. Foi exatamente nesse momento que um amigo do movimento negro que atualmente reside em Macaé, me chamou a atenção para o debate a respeito das cotas raciais e lei 10.639/03. Até então a escola em que trabalho muito pouco aplicava a lei, resumia-se mesmo ao dia da consciência negra em 20 de novembro. Foi a partir desse momento que procurei me aprofundar mais a respeito do assunto e colocar em prática a lei e suprir toda a falta de conhecimento e experiência que me foi negada durante meus anos de estudo.

SEGUNDA PARTE - “REPENSANDO A APRENDIZAGEM”:

A primeira ação realmente significativa que realizei foi a peça “COR”, baseada no livro infantil “Pretinho, Meu Boneco Querido” (FURTADO, Maria Cristina). Inicialmente tentei fazer uma adaptação mais fiel possível ao livro, no entanto ficou impossibilitado por questões como tempo, domínio de texto das crianças, cenário, etc. Pensei então em inspirado na obra literária recriar o conto em outro contexto, que fosse viável para a realidade em que estava desenvolvendo o trabalho.

A peça tinha o foco infantil, no entanto públicos de diferentes faixas etárias abstraíram e se divertiram muito bem com a história. O cenário era uma loja de brinquedos, onde um homem/artesão fabricava bonecos; sendo o daquele instante um preto. Depois que o homem saía de cena os bonecos da loja tomavam vida e faziam bullying com o boneco preto, que por sua vez se recolhia triste, até que de uma caixa de brinquedos surge uma outra boneca preta como ele, mas muito consciente da história e riquezas que carrega em sua descendência Afro-brasileira. Assim inicia-se a parte do teatro/musical (muitas cenas eram apresentadas em forma de dança), onde um pouco da trajetória dos africanos e afro-descendentes no Brasil foi sendo explicada. O foco ficou também em Zumbi (no caso também apresentado em cena como um boneco), pelo teatro ter sido apresentado na semana da Consciência Negra da escola. A repercussão do trabalho dentro da escola foi muito boa, outros professores sentiram-se dispostos a somar em um próximo evento. Mais tarde recebemos um informativo do MEC para participar do projeto “Curta Histórias”, onde teríamos que gravar um vídeo de até 1 minuto abordando o tema ‘Personalidade Afrodescendente’. Com a ideia do teatro já realizado, o readaptamos para durar o tempo permitido e enviamos ao MEC. Nosso vídeo não foi contemplado, mas o trabalho reforçou nos alunos e escola a importância da temática.

Neste mesmo ano, a Secretaria de Educação iniciou um projeto para ser apresentado no 7 de setembro (Independência do Brasil e também aniversário de Bicas). O projeto batizado de “Homens Honrados” consiste na escola escolher uma pessoa da cidade, estudar sua trajetória, história, extrair bons ensinamentos que possam refletir em algo positivo aos alunos e como conclusão fazer uma apresentação para o homenageado ou homenageada. No primeiro ano do projeto todas as escolas desenvolveram o trabalho em torno da pessoa que emprestava o nome à instituição, a nossa por exemplo foi para o “Dr. Matheus Monteiro da Silva”, cirurgião dentista, já falecido, mas que alguns membros da família ainda residem na cidade. A homenagem final foi uma dança teatralizada onde um menino em meio às suas brincadeiras se transformava no dentista ao som de “O Trenzinho

Caipira” de Vila Lobos. O Dr. Matheus, foi representado por dois meninos (um menor, outro maior), ambos negros e apesar do Dr. Matheus ser branco, não houve crítica a respeito disso, mas ficava claro para alguns que se tratava de uma escola periférica, estigmatizada na cidade como “uma escola difícil, de crianças rebeldes, que não querem nada”, onde os alunos em sua maioria eram pobres e/ou negros. A importância de colocar aquelas crianças em palco e dar a oportunidade de mostrarem a um grande público o trabalho que realizavam antes em quatro paredes foi muito significativo. Outros alunos ao verem que os colegas da escola, negros, representaram um homem importante de pela clara, fez que acreditassem que poderiam ser quem e o que quisessem e assim foi o que aconteceu.

O próximo trabalho deste mesmo projeto foi homenagear uma grande profissional da educação da cidade, que tinha sido diretora por muitos anos de uma escola já extinta, chamada “Pequeno Príncipe”, a ideia veio de imediato, elaborar uma cena curta (Porque cada escola teria até 15 minutos) do homônimo literário de Antoine de Saint-Exupéry, para a apresentação final à homenageada. Por ser o professor de teatro, fiquei responsável em escolher e ensaiar o pequeno príncipe, no início todos os nomes de meninos de cabelo loiro e olhos claros me foram indicados, separei um pequeno texto e ouvi cada um, no entanto nenhum me passou o sentimento que queria ser tocado, é uma coisa que vai além do estereótipo, vem do tom da voz, do olhar, da certeza e ao mesmo tempo inocência que deveria passar cada gesto da criança. Foi aí que apareceu o pequeno Joãozinho, ele era do 2º ano e não sabia ler, mas tinha tudo o que eu precisava, fiz uns testes com ele e ali estava o que procurava. Quando anunciei a escolha em reunião, a primeira coisa que ouvi foi: “Preto? Um pequeno príncipe Preto???”. Senti o desconforto, imaginei o que cada criança daquela escola deveria sentir todos os dias, mantive a convicção. Depois vieram com outros argumentos, que ele não sabia ler, como iria decorar o texto, que a mãe era irresponsável e não levaria o garoto na apresentação, etc... Pedi permissão à diretora para ir à casa da criança e conversar com a mãe que trabalhava de 7 às 17 horas e ficava um pouco complicado de comparecer à escola. Fui até a residência em um sábado à tarde, conversei, expliquei e comecei a ensaiar o pequeno João todos os dias no horário de almoço da escola. Entre brincadeiras e conversas fiz que ele mesmo sem saber ler uma palavra, decorasse um texto de quase uma folha inteira. O menino pobre, negro, sem saber ler subiu ao palco e arrancou lágrimas de todo o público, ele se tornou o príncipe da escola, sua mãe passou a frequentar mais o ambiente escolar como reuniões, festas, inclusive economizou durante um ano para fazer a festa de aniversário dele no galpão da escola para todas as crianças. Hoje Joãozinho está no quarto ano, já sabe ler e participa ativamente dos eventos.

Posteriormente iniciei junto com as professoras de dança e música, um trabalho maior que chamaríamos de “Afro - Dr. Matheus”, onde desenvolveríamos temáticas africanas e afro-brasileiras e a culminância do projeto se daria em um grande auditório e festejo na escola. Outros professores também somaram, cada um do seu jeito, mas motivados pelo sucesso do ano anterior, ao qual me referi anteriormente.

Dessa vez criei um teatro onde existia o personagem Griot, e através de histórias ele transmitia ensinamento às pessoas, o cenário era único, uma árvore grande representando o baobá, as pessoas em volta a ouvir as histórias e um pano branco atrás, onde aconteciam simultaneamente um teatro de sombra conforme o Griot cantava a história. Em conversa com os alunos do 4º ano responsáveis por essa apresentação, expliquei quem eram os griots e qual era a representação deles na África. Propus que o nosso griot contasse alguma lenda africana, pra isso sugeri que eles escolhessem com a professora de leitura algum livro da biblioteca (temos alguns livros infantis de lendas africanas). Dias depois alguns me procuraram pedindo para contar a história do “Rei Leão” , mesmo que não fosse uma história originalmente Africana, mas que tinha um ensinamento muito bonito em respeito à família e aos animais. Conversei sobre a escolha deles, mas concordei porque percebi que eles queriam cantar a música tema do filme no final da apresentação, que já estavam ensaiando com a professora de música, em forma de medley com Baba Yetu (música em swahili ou kiswahili, idioma banto). As conversas e ensaios prosseguiram, em todas as turmas, sendo que a apresentação final ficaria por conta do 4º ano.

No dia do “Afro Dr. Matheus”, cada sala fez sua apresentação, dança, música, teatro, contos, poemas, tendo muito envolvimento de todos os alunos e professores, no entanto somente do turno da tarde onde acontecem as oficinas curriculares, já no turno da manhã não houve participação dos professores.

No final de 2015 ficamos sabendo que a Olimpíada passaria em nossa cidade e a escola foi convidada a fazer uma apresentação no evento oficial em maio de 2016, pensamos em elementos que retratassem a história da cidade e músicas que tivessem características mineiras, em contato com o um amigo de Juiz de Fora, Lucas Soares, professor de tambor mineiro (tambor de congado), criamos partes da trilha sonora para integrar a apresentação. A sugestão de incluir o tambor de congado foi ótima pois consegui juntamente com a secretaria de educação verba para as aulas e compra de tambores, introduzindo assim essa cultura musical/rítmica em nossa escola, musicalidade originada dos povos africanos que para cá vieram, especialmente do congo. A oportunidade caiu como uma luva no que diz respeito ao aprendizado da história e cultura africana e afrodescendente.

Os 10 alunos que iniciaram a oficina ficaram responsáveis em propagar os ensinamentos aos outros colegas da escola, dando a eles autonomia, autoestima e responsabilidade perante a esse compromisso.

Neste mesmo ano de 2016 muito motivado pela pós graduação História da África, sempre abordo questões relativas ao tema. O preconceito observado em sala de aula serve para intervenções como diálogos, questionamentos e reflexões a respeito do bullying em chamar o colega de carvão, saci, noturno, cabelo duro, ruim... etc. É certo que o trabalho feito anteriormente serviu em muito para a diminuição dessas incidências preconceituosas, mas é preciso estar abordando o tema constantemente para uma maior conscientização a respeito da diversidade e respeito à África e aos afrodescendentes.

Em uma aula separei algumas imagens do continente africano, entre tribos, animais, pequenas e grandes cidades, praias, pessoas indo trabalhar, estádios, deserto, rios, catarata, pirâmide... e utilizando um projetor, fui passando as imagens uma a uma e perguntando quais delas deveriam ser da África. Obviamente as imagens que remetem a tribos e animais foram imediatamente definidas como africanas, as que apareciam cidades iluminadas, estádios, ruas com carros, praias , pessoas indo trabalhar foram classificadas como Estados Unidos, França, São Paulo, Rio, Cabo Frio. Como esperado, no imaginário delas ainda sobressaia elementos presentes em filmes como Rei Leão e o próprio Kiryku (animais e tribos). Depois fiz com eles um passeio via google earth, com a primeira finalidade em mostrar o tamanho da África e que é um continente cheio de países com muita diversidade. Cada sala, respeitando a idade, foi trabalhado com a profundidade e linguagem apropriada, no entanto a base era a mesma a todos e mesmo as crianças mais novas do primeiro ano ficaram empolgadas em fazer uma viagem do espaço até à terra e descobrir a África. O Egito chamou a atenção logo de cara, pelo fato de haver uma novela da Rede Record que possuía tal ambiente como um dos temas. Admirados ainda mais ficaram quando coloquei na internet algumas imagens de Faraós e eles perceberam que não eram como os atores das novelas, de pela clara. Posteriormente imprimi algumas imagens que mostrei no projetor e coloquei em um mural que fica no refeitório, local em que os alunos frequentam para fazer as 3 principais refeições da escola, beber água e local que transitam para terem acesso aos banheiros.

No projeto “Homens Honrados” (já citado anteriormente), neste ano de 2016 a escola decidiu em homenagear uma pessoa que morasse nas proximidades da escola, onde escolhemos a Angélica de Rezende Santos, no passado responsável por trabalhos sociais e atualmente juntamente

com uma equipe cuida do “Santuário Ecológico da Água Santa”, local de peregrinação e turismo ecológico da cidade.

Segundo o conhecimento que foi passado de geração a geração através da oralidade, a história data de 1860, Bicas era conhecida como Arraial das Taboas. Havia grandes fazendas de café e a mão de obra era de escravos africanos. Era costume levar todo escravo enfermo para longe das senzalas e assim não contaminasse os demais. Um grupo de escravos com feridas pelo corpo com aspecto maligno foi levado para o alto da serra, onde havia água em abundância e inhame rosa como alimento. Passado o tempo, eles voltaram para a fazenda inteiramente curados, ficando conhecido que a cura destes escravos foi pela água, então reconhecida como Água Santa. As peregrinações de fé passaram de geração a geração até os dias de hoje. Com a influência da Igreja Católica e das famílias italianas, um ícone de Nossa Senhora das Graças foi adicionado ao local tornando-o também referência de romarias.

No bate-papo que a escola faz à homenageada procurando conhecê-la melhor e dando oportunidade dos alunos fazerem suas próprias perguntas, ficou evidenciado atualmente a ligação e importância dela com Santuário Ecológico, por este fato decidiu-se recontar a história do local no dia da apresentação final (07 de setembro). A apresentação complementou as questões que eu já estava abordando na escola. Através dos escravos curados na Água Santa, fiz uma viagem pelo Google earth mostrando os locais na África de onde eles poderiam ter saído e como e porque vieram parar no Brasil. O assunto durou uma aula toda, onde pesquisamos fazendas de cafés, inhame rosa, fotos antigas da cidade... , e o interesse dos alunos foi aumentando, levando inclusive o 5º ano a fazer um passeio no local. A pesquisa para o teatro é muito importante, pois ajuda na construção não apenas do cenário e figurino, como também dos personagens.

Toda a homenagem foi baseada na história do santuário, colocando os negros como ponto chave e protagonistas de toda a apresentação, pois através deles o local iniciou o significado que se tem atualmente, mesmo com as intervenções católicas. Muitos alunos dizem ser evangélicos (protestantes, pentecostais, neopentecostais), pensei por este fato surgirem complicações e resistência, pois muitos pais poderiam discordar e impedir que o(a) filho(a) participasse; no entanto não encontrei barreiras a esse respeito, mesmo porque fizemos uma reunião para os responsáveis e os que compareceram entenderam perfeitamente o trabalho a ser desenvolvido.

A apresentação foi marcante por não ter texto algum, apenas canções em idiomas africanos e português, danças e encenações que se baseavam em expressões corporais e faciais. Da

homenageada ouvimos além de elogios uma frase que nos marcou: “Vocês tocaram na ferida da cidade, em uma história que o povo de Bicas não gosta de contar”. Realmente essa era a questão, que eu já havia percebido, mas as palavras dela naquele momento me revelaram o ponto que eu poderia chegar com o meu trabalho de conclusão de curso da especialização “História da África”.

TERCEIRA PARTE - “PRÁTICAS PEDAGÓCIAS, INTERVENÇÕES E AÇÕES SOCIO-EDUCATIVAS”:

Pensando em inserir não apenas o meu trabalho de conclusão de curso como atividade na escola, mas também em envolver a todos, motivei em uma reunião para que cada Oficina Curricular abordasse a sua maneira o tema África e Afro-brasileiro sendo que a apresentação final dos trabalhos se daria no “Il Afro-Dr.Matheus”, desta vez realizado em um domingo e aberto à toda a comunidade (aproveitando o dia letivo).

A Oficina de Leitura e Produção de texto por exemplo sugeri um trabalho inspirado em uma das aulas que tive na pós, onde a professora Sonia Regina Miranda nos colocou em contato com Gizela Marques Pelizzoni a qual pude conversar muito a respeito de como ela trabalhou na escola em que leciona o livro “Os Reizinhos de Congo” (PEREIRA, Edmilson de Almeida). Após ouvir minha sugestão a professora de leitura da escola em que trabalho adquiriu a obra literária em questão e se propôs a motivar os alunos em escreverem um texto dizendo por que gostariam de ser Reizinhos de Congo, além disso, que pesquisassem entre os familiares se alguém tem ou teve contato com essa cultura (mesmo um antepassado). A esse projeto demos o nome “Sementes” que possui o significado de “Histórias”, pois o objetivo além do aluno escrever a carta relatando sua motivação, é fazer uma pesquisa junto à família sobre seus antepassados. O nome do projeto também tem afinidade com o livro “A SEMENTE QUE VEIO DA ÁFRICA” (LIMA, Heloísa Pires), que faz parte do acervo da biblioteca escolar. Compramos sementes de Baobá para plantar na escola, visto que há grande espaço gramado com alguns trechos arborizados e outros não. A própria professora de leitura ficou responsável em utilizar o livro em suas aulas em harmonia com “Os Reizinhos de Congo”. A professora também

sugeri uma lembrança para ser dada ao rei e rainha de congo pela escola; um cordão com relicário de cápsula contendo dentro uma semente de Baobá.

A professora de informática se dispôs em pesquisar diversos temas com os alunos, como brincadeiras, personalidades (músicos, cientistas, políticos, atores, atrizes, escritores, etc), músicas, vestuário, moda, religião cada sala teria um tema a ser pesquisado e fariam grandes cartazes com imagens para ficarem expostos nos corredores. As professoras de orientação e pesquisa tiveram a ideia de trabalhar textos e jogos matemáticos de origem africana. O professor de esportes e recreação ficou responsável em fazer com os alunos, algumas brincadeiras de origem africana. A professora de artes fará alguns trabalhos com os alunos, no entanto a principal função é junto com eles criar o convite do evento e decoração. A ideia da decoração foi muito interessante e partiu de uma mania dos alunos da escola, especialmente do atual 4º ano, pois eles têm o hábito de fazer pipinhas em sala de aula, usando às vezes folhas do próprio caderno. Tal mania já resultou em brigas entre alunos e advertências de professores, pois os alunos deixavam de prestar atenção na aula para fazer pipas. Pensando nisso tivemos a ideia desses alunos confeccionarem juntamente com a professora de Artes a decoração da festa, com pipas para enfeitar o galpão da escola, no entanto nelas estarão desenhadas as bandeiras dos 54 países africanos, pois em aula também observei que eles ficavam interessados pelas bandeiras e as reproduziam em papel; inclusive no painel do refeitório, já mencionado onde coloquei as imagens do continente Africano, disponibilizei uma caixa contendo um jogo da memória com as bandeiras da África, que fica disponível para qualquer aluno jogar nos horários de refeição. Nesse mesmo local agora conhecido como cantinho África, aparecerão mais intervenções relacionadas com a festa e também com o musical “COR” de responsabilidade das oficinas de Teatro, Dança e Música.

As professoras do ensino regular, que acontece no turno da manhã, também ficaram responsáveis por alguns temas afro-brasileiros como brincadeiras e cantigas (1º ano), danças e ritmos (2º ano), folclore (3ºano), culinária (4º ano), vocabulário (5º ano) e colocarem em exposição cada trabalho realizado ao lado da porta de entrada de cada sala, para ser visto pelos alunos e por quem visitar a escola no dia do evento.

O musical ao qual fiquei responsável juntamente com as professoras de dança e música é uma releitura do que fiz ha anos atrás (COR), no entanto o enriqueci ainda mais, devido à bagagem que me foi acrescentada durante esses meses na pós-graduação e pensando em meu projeto de final de curso onde terei que produzir um material didático.

A proposta é interligar África, Brasil e Bicas através de uma história que misture música, canções e danças. A história passaria em uma loja de brinquedos, onde os bonecos tomam vida e fazem bullying voltado ao preconceito de cor com a única boneca que difere dos demais. No entanto surge de uma grande caixa de presentes um boneco preto assim como a bonequinha, representando o Griot que usando de lendas e histórias mostra o continente africano à bonequinha exaltando a pluralidade do mesmo. O objetivo aqui é frisar que a África não é um país e sim um continente repleto de diversidade, atualmente com 54 países, no entanto anteriormente já existia civilização com muitos reinos e impérios. Todo esse discurso do Griot se dará em canções, rimas e danças desenvolvidas também por outros bonecos que no decorrer da apresentação saem da mesma grande caixa de presentes. A ligação com o Brasil se dá através do tráfico de escravos e a contribuição dos afro-descendentes para o país e por fim o Griot provoca a bonequinha a respeito das raízes históricas dos negros na cidade em que ela habita, no caso Bicas, é neste momento que entra a história já mencionada acima no projeto “Homens Honrados 2016”, contando um dos momentos em que os negros protagonizaram uma história na cidade e pouco se é comentado entre os habitantes. A intenção é que esta última parte possa ser modificada de acordo com a realidade histórica da cidade onde o espetáculo for montado. Isso irá motivar os alunos de uma escola em outra cidade de Minas Gerais, por exemplo, a pesquisarem a história dos negros no local em que vivem, deixando claro que existem outras, inclusive mais atuais, mas por questão de espaço e tempo cênico uma será escolhida. O finalização vem com respeito dos demais bonecos com a bonequinha diante de sua história e empoderamento que assume. .

O TEM – Teatro Experimental do Negro – fundado por Abdias do Nascimento, foi fonte de conhecimento, pesquisa e informação. Lendo alguns textos e assistindo documentários via youtube, pude ter contato e entender a preocupação de Abdias em colocar o negro como protagonista e também consciente de sua história. Fazer com que os alunos também tenham conhecimento dessa personalidade brasileira também é parte do projeto e sua figura deve ser bastante explorada nos ensaios e aulas de teatro. Atualmente também tenho lido alguns textos que dizem respeito ao teatro no Continente Africano com a finalidade de enriquecer o projeto e trabalho.

No cantinho “África” que está localizado no refeitório, será colocado aos poucos imagens e objetos ligados do musical; tambor de congada, estandarte, bonecos de pano, quebra-cabeça do continente Africano (dos reinos e impérios que existiam e também do mapa atual), os livros que inspiraram a história, um pequeno aparelho de som com músicas utilizadas no espetáculo, entre outros. O objetivo é deixar os alunos familiarizados com os objetos e poder tocá-los . Terá ali

também um caderno sem pautas, onde poderão escrever ou fazer desenhos que expressem o sentimento deles em relação à África e também ao Afro-brasileiro.

QUARTA PARTE - CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Posso hoje perfeitamente traçar um paralelo antes e depois que iniciei a pós graduação “História da África”. Apesar de antes ter conhecimento da lei, buscar informações a respeito, me sentia inseguro, pisando em solo totalmente desconhecido, até havia medo em estar tratando de assuntos aos quais eu não possuía o menor entendimento necessário (segundo minha percepção). As aulas na pós-graduação enriqueceram de forma profunda e significativa não apenas a implementação da lei 10.639/10, mas também na minha visão e compreensão de mundo que nos cerca, da complexidade do Continente Africano à ligação do nosso país com o mesmo, além da leitura humanizada da situação dos negros no Brasil, ontem e hoje. A todo instante eu penso em como estar oferecendo às crianças o que me foi negado, a história dos nossos antepassados, a história de outro continente, o porquê de muitas palavras, ritmos, sabedorias que possuímos e não damos conta da origem. Percebo que é um trabalho difícil, delicado, que deve ser feito cotidianamente, nem que através de pequenas intervenções, ao indagar junto aos alunos: “Porque você disse que o cabelo dele ou dela é ruim?”, até a estudos mais elaborados como os realizados na montagem do musical.

Percebo a falta que o curso faz a muitos professores brasileiros, como forma de conscientização e também de conteúdo. Apesar de termos hoje a internet com portais proporcionando o acesso a muitas informações e inclusive a práticas pedagógicas, ainda há uma resistência em não sair da área de conforto e preconceito. Ouço críticas e percebo olhares de incômodo, já ouvi professora evangélica dizendo que alguns casos de indisciplina na escola se devem ao fato dos tambores. Talvez lendo este portfólio dê a entender que tudo aconteceu de forma simples, fácil e aceita por todos; a verdade é que não, houve e há muita persistência minha, no início a motivação é própria e quase solitária, acredito que o segredo seja pelo diálogo conquistar aos poucos mais professores para essa caminhada, sendo que uns precisarão de mais conversa que outros.

Através deste curso me propus a quebrar essa área de conforto e preconceito, fazendo que outros ao meu redor se inspirem e coloquem em prática a lei 10.639/03. Concluo afirmando que mesmo tendo sido de grande ajuda a “Pós Afrikas”, tanto a formação como a prática do aprendizado não devem terminar junto com a finalização do curso. A busca por leitura e cursos afins se faz necessária, é constante.

IMAGENS DE ATIVIDADES JÁ REALIZADAS

DESCRITAS NESTE PORTFÓLIO



Figura 1 Cena Teatro "COR" 2013



Figura 2 Cena teatro "COR" - 2013



Figura 3 "Homens Honrados" - 2014 - Cena curta "O Pequeno Príncipe"



Figura 4 o Pequeno Príncipe e a Rosa (Representatividade)



Figura 5 Teatro "O GRIOT" – 1º Afro Dr. Matheus - 2015



Figura 6 Dança no 1º Afro Dr. Matheus

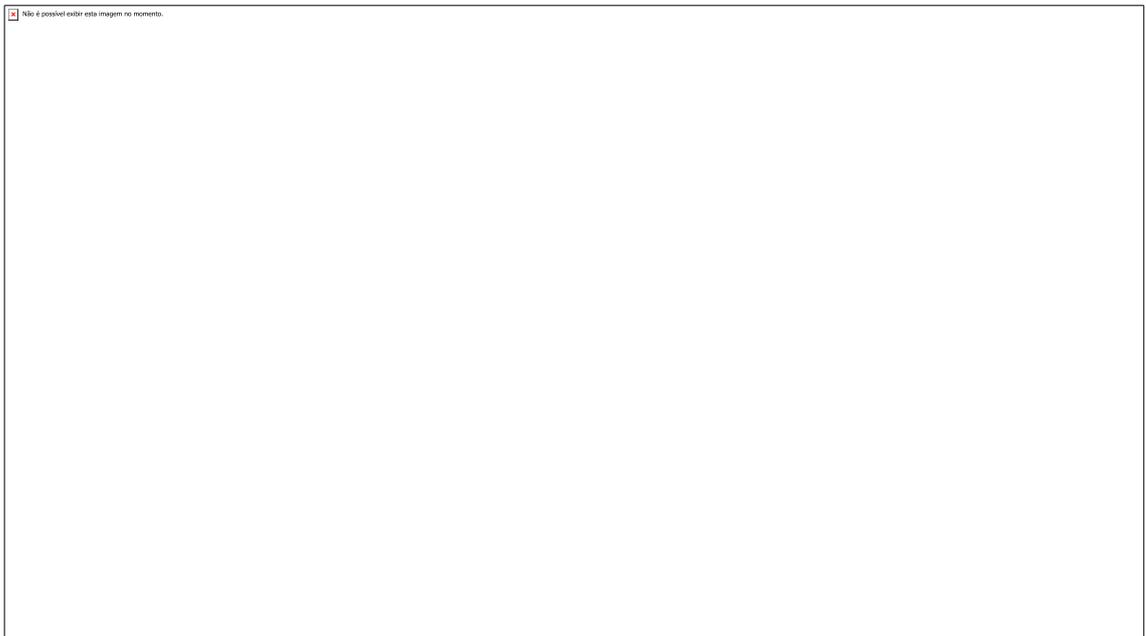


Figura 7 Dança no 1º Afro Dr. Matheus



Figura 8 Dança no 1° Afro Dr. Matheus



Figura 9 Dança 1° Afro Dr. Matheus



Figura 10 Tambores de Congada na apresentação da "Chama Olímpica" em Bicas (Crianças da escola junto com o grupo INGOMA de Juiz de Fora)



Figura 11 Aula de Tambor Mineiro (Congada), com o professor Lucas Soares integrante do grupo INGOMA de Juiz de Fora .



Figura 12 Passeio no Santuário Ecológico da Água Santa



Figura 13 Passeio no Santuário Ecológico da Água Santa



Figura 14 Passeio no Santuário Ecológico da Água Santa



Figura 15 Vista do Santuário Ecológico da Água Santa



Figura 16 Concentração para Apresentação do "Homens Honrados" - Homenageada Angélica Santos de Rezende - História do Santuário Ecológico da Água Santa



Figura 17 Estandarte Utilizado na Homenagem



Figura 19 Mesa do Cantinho África com livros que inspiraram o musical “COR” e o jogo da memória com as bandeiras dos países do continente Africano.



Figura 20 Cantinho África



Figura 21 Crianças brincando com o jogo de memória "Bandeiras do Continente Africano"



Figura 22 O acesso dos alunos ao material é livre e novidades vão sendo adicionadas com o passar dos dias.

A escola possui uma página no Facebook onde se encontram mais fotos e também alguns vídeos desses trabalhos citados, basta procurar na rede social por “Escola Doutor Matheus Monteiro da Silva” ou digitar www.facebook.com/EscolaDoutorMatheusMonteirodaSilva. No youtube também está disponível o vídeo de 1 minuto “COR”, o qual participou do concurso “Curta Histórias” do MEC, para assistir pesquise por *COR - Zumbi e Dandara, bonecos que despertam a igualdade (Curta Histórias 2014)* ou digite o link: www.youtube.com/watch?v=IR2Pb4ZhxOw

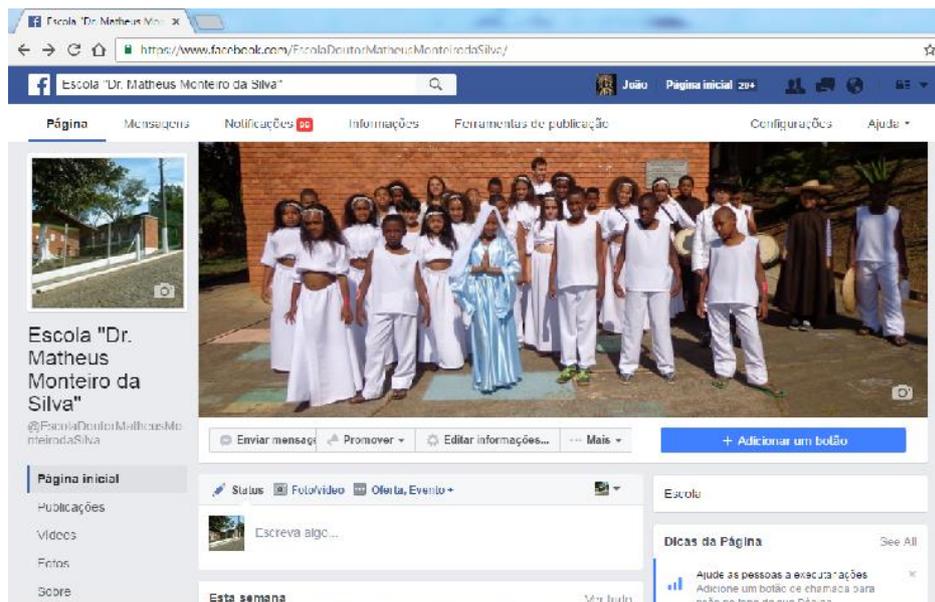


Figura 23 Página do Facebook da Escola Municipal "Dr. Matheus Monteiro da Silva"



Figura 24 Vídeo "COR" no Youtube

Encerro o anexo com o início do meu antigo portfólio o qual erroneamente vinha desenvolvendo meu registro, no entanto gostaria como forma de lembrança deixá-lo aqui, a fim de recordar o início dessa caminhada que não terminei de percorrer:

CARTA DE INTENÇÃO

“Vozes me despertaram, estava deitado em um chão de areia fina, molhada, que grudava em todo meu corpo e o sol dificultou que num primeiro instante ao abrir minhas pálpebras visse o que havia a minha frente. Fiquei imóvel pra entender o que as vozes diziam e inicialmente as palavras eram confusas mesmo que de certa forma eu percebesse que havia muito significado nelas. Sentia sede e fome, temperadas com curiosidade. A mesma luz que dificultava minha visão foi a necessária para ver ao redor, aos poucos, tudo foi se ajeitando no meu campo ocular. A areia molhada a qual estava, o céu com alguns rastros de nuvens, um oceano a minha frente. Levantar e esticar cada membro para poder realizar um passo foi como estar quebrando gesso em minhas articulações, me ergui e pé ante pé fui em direção da única coisa que poderia me lavar daqueles pequenos grãos de areia que teimavam em estar presentes, incomodando em partes do meu corpo. O primeiro toque da água pareceu gélido, mas foi bom, quis mais; aos poucos fui adentrando e deixei que me tocasse como quem deixa ser acariciado. A minha temperatura foi adequando à daquele fluido e houve ali uma estranha sensação de pertencimento e durante esse tempo as vozes retornaram aos meus ouvidos. Lembrei que elas foram o motivo do meu despertar, olhei ao redor novamente e continuava a ver apenas a areia, o céu, o sol, as nuvens e o oceano; em meio a certo nervosismo e desconfiança percebi que aquelas vozes vinham de tudo ao meu redor, não sei ao certo como me dei conta disso, naturalmente foi fazendo sentido de onde vinham e o que diziam. E da mesma forma natural, ouvi que haviam sons além do oceano, de onde minha limitada visão não alcançava. Teria que ir até lá, eu sei, mas antes precisaria ouvir o que me diziam aqui. Tenho voz também, notei isso..., e posso me juntar às que estão ao meu redor, sendo um bocado de areia, oceano, céu, sol, nuvens e um desconhecido que me diz não ser tão distante assim.” (Esse texto é uma metáfora, uma releitura e reescrita da minha carta de intenção, peço desculpas e licença pelo tratamento pouco usual inicialmente dado)

Eu, João Victor de Oliveira pós-graduando em Afrikas pela UFJF sou professor da Oficina Curricular de Teatro na Escola Municipal Dr. Matheus Monteiro da Silva, uma escola de Tempo Integral, que atende alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental em sua maioria carentes,

periféricos, negros. Já desenvolvi alguns trabalhos dirigidos à cultura Africana. Um dos momentos de grande reflexão no âmbito escolar foi a adaptação teatral do livro “Pretinho, Meu Boneco Querido” de FURTADO, Maria Cristina. Como de praxe, além do estudo literário, elaborei algumas pesquisas a respeito de alguns pontos da cultura Afro-brasileira. O debate com os alunos foi revelador para todos. Aprendemos muito. O resultado foi magnífico, autoestima elevada, integração, respeito, consciência..., enfim, esse curso Afrikas surgiu para somar, porque a partir dele me senti mais embasado, mais confiante em poder dialogar sobre questões étnico raciais com todos na escola. Já no ano passado nossas apresentações dentro e fora do ambiente escolar contaram com influências Africanas, com elementos incorporados à dança, música e teatro.

Em 2016 venho manifestando junto aos professores do ensino regular, supervisão pedagógica e direção a importância em abordarmos a História da África em nossa escola. Observo que existe material, há abertura em discutir o tema, no entanto sinto também o despreparo e o preconceito ainda presente, mesmo que velado. Estou elaborando um projeto para ser desenvolvido na escola, no segundo semestre de 2016 e a Pós Afrikas está sendo de fundamental importância para isso, através de textos, áudio visual, experiência dos professores e colegas de curso, tenho reunido ideias para poder fazer uma abordagem que envolva não somente nossa escola, mas também a comunidade a qual pertencemos.

Atenciosamente,

João Victor de Oliveira

Juiz de Fora, 07 de maio de 2016